

Quando a Voz Comanda A lei

When The Voice Commands The Law

Mauro Mendes Dias ¹

Resumo

O objetivo do trabalho é mostrar de que maneira na estruturação do sujeito, desde a psicose, a voz comparece numa condição de comando em relação à Lei. Isso decide não somente pela falta de condições em abordar dialeticamente as relações, mas também pela dominância das alucinações enquanto vozes que falam do e para o sujeito, decidindo por seus atos e sentido.

Palavras-chave: Comando; voz; alucinação; lei.

Abstract

Our objective is to show, in the structuring of the subject in psychosis, the voice appears command in a command in relation to the Law. That decides the subjects actions and direction, not only by the lack of condition to the dialectically address the relations, but also by the dominance of hallucinations while voices that speak about and to the subject.

Keywords: Command; voice; hallucination; law.

Recebido em 8 de outubro de 2012
Aprovado em 13 de novembro de 2012
Publicado em 28 de dezembro de 2012

No momento em que nos encontramos reunidos para apresentar e compartilhar elaborações a partir do tema “A Psicanálise e a Lei”, num contexto de interlocução onde nos beneficiamos da companhia daqueles que realizaram avanços expressivos sobre a voz (1), me pareceu oportuno levar em conta as limitações de uma exposição breve. O que me permitiu decidir em começar falando, a partir de uma experiência modelar para um psicanalista. Refiro-me à experiência de apresentação de pacientes, da qual participo, junto com alguns outros colegas (2), como coordenador e apresentador, no Hospital São João de Deus, em São Paulo.

A prática de apresentação de pacientes foi modificada por Lacan, naquilo que ela conservava e conserva de silenciamento e anulação do ser do sujeito, tal como mantida desde a tradição psiquiátrica. Deve-se notar, para além de uma pesquisa que permite reafirmar essa direção, que a anulação e o silenciamento do sujeito coincidem com a transformação dele em objeto de ilustração das patologias, ao mesmo tempo em que o valor de verdade que vem pela fala, não conta. Desde a tradição, portanto, nos encontramos como protagonistas de uma montagem que transforma o encontro com o paciente num espetáculo da loucura. Condição que libidiniza o olhar em conformidade a estrutura da hipnose, determinando que o tempo do trabalho dedicado à apresentação, se limite ao tempo de cativação que o espetáculo promove.

O paciente, nomeado agora como R, primeira letra de seu nome próprio, foi indicado pelo responsável clínico da instituição para participar da apresentação, segundo uma descrição dele pelas vozes. Descreveu-se que ele falava sânscrito e americano, além de outras línguas, com menor frequência do que as duas anteriores. Uma das dificuldades que levou a escolhê-lo para essa apresentação, da qual ele consentiu em participar, depois de informado sobre os propósitos da experiência, tinha a ver

com o fato de que em boa parte das vezes ele se comunicava numa língua, chamada por ele de americano, da qual era possível entender poucas palavras.

Na apresentação do paciente ao apresentador, que precede a experiência, realizada na unidade de internação, o paciente se expressava em sua própria língua. Vale dizer que a língua falada pelo paciente, nomeada como americano por ele, de fato, em vários momentos se aproximava da pronúncia do inglês americano. O que não significa que ele se valesse sempre das palavras do inglês americano para se comunicar. Em várias passagens são ruídos pronunciados com o sotaque do inglês americano. Nessa ocasião, devido à concordância do entrevistador a sua solicitação, que ele pudesse falar em americano durante a experiência de apresentação junto ao público, ele se manteve de acordo com a proposta do apresentador para que fizesse uma tradução para o português, quando não houvesse condições de acompanhá-lo no diálogo em sua língua própria.

Um conjunto de detalhes da história de vida, assim como das duas internações anteriores, não serão expostas, tendo em vista a brevidade do tempo.

O motivo da internação, estranho para o próprio sujeito, deveu-se a uma saída que realizou para tirar carteira de habilitação de motorista. Estranho porquanto ele mobilizou em suas andanças para atingir essa finalidade a atenção das diferentes forças armadas, em seu deslocamento pela cidade. Deslocamento esse que não mantinha a menor relação entre os bairros e ruas percorridas. Por fim, viu-se levado pelo corpo de bombeiros para o local de internação atual.

Ao contar sua história de vida, ela se marca pela presença da televisão, do rádio, assim como de cantores e artistas famosos. Seu pai é, segundo ele, dono de uma rede de televisão que envolve o SBT, mas que não o reconhece como filho, ao mesmo

tempo em que o evita. Tal atitude se encontra repetida nos filhos, todos famosos, mas que fazem questão de fingir que não o conhecem.

R teve um encontro com o Espírito Santo aos oito anos de idade. Desde esse momento acreditou que era um santo a ter de passar por muitas transformações. As intonações fazem, segundo ele, parte desse destino.

O fato de começar a contar de si mesmo com certa coerência, no sentido, por exemplo, de que tem um destino traçado, não significa que encontre nisso uma sustentação que o permita se referenciar. Aliás, se há algo que o encontro com R promoveu, é a experiência da angústia, pela errância como falta de orientação no discurso.

Independentemente dos diferentes pontos e passagens da história privilegiados por R, existem duas condições que conferem identidade a ele. São elas, respectivamente, a de cantor e compositor.

Durante a apresentação, a convite do apresentador, ele cantou duas músicas de sua autoria. Compostas e cantadas em sua língua própria, o americano. Na primeira delas havia uma predominância do ritmo e da melodia que a aproximavam de uma mistura do rock com o rap. Na segunda, de mais longa duração, podia-se recolher uma mistura de canto religioso com música romântica.

Tanto a primeira, quanto a segunda música promoveram diferentes consequências nessa ocasião. Irei me deter na segunda música. Enquanto ele a cantava uma pessoa do público tossiu. O que o levou imediatamente a fazer um gesto positivo, no sentido em que ele reconhecia na tosse um efeito do seu canto.

Notemos que o assinalamento de R a uma convergência da tosse com o canto de sua música, leva-nos a reconhecer que nesse momento algo para ele se passou. E esse algo que se passou tem estreita rela-

ção com o fato de que ele é ouvido agora, durante a apresentação, por um Outro, no caso, o público, que o distingue, mesmo cantando em americano. Nesse sentido, veio de um Outro, falante de português, e não de americano, uma reação a seu canto. Essa reação tem um valor decisivo para ele, exatamente porque vem de um Outro que não é aquele que o encerra no americano, mas sim que o reconhece em português. O momento da tosse corresponde à emergência da voz nele, enquanto fugacidade de sua presença reconhecida de forma distinta. Isso só se torna possível devido à estrutura de composição da apresentação de pacientes segundo a implicação do público no mesmo lugar que Freud confere ao Outro no chiste. Ou seja, como lugar de sanção da verdade, para além do sentido dos enunciados.

R não somente fala a língua do Outro, ele canta e compõe nela. Parece-nos apressado afirmar que a condição de compositor e de cantor se resume a variações previsíveis da alienação do sujeito a um Outro que fala diretamente nele sem mediação, portanto, sem condições de implicá-lo num trabalho de retroação do sentido. Ao compor, ele seleciona algumas palavras em americano, e outras não. Ao cantar, ele coloca sua voz, fazendo da língua do Outro uma experiência de ritmo e melodia. O engano é supor que tais atividades o encerram no mesmo lugar, uma vez que atualizam a presença da língua que fala nele, fazendo de R um reproduzidor do caráter absoluto da voz Outro. Ao mesmo tempo, tais atividades não chegam a implicá-lo numa posição em que o laço com seus semelhantes se tornem possível. Já que a reação que desperta entre os colegas de intonação, é uma frequente rejeição de seus modos de expressão, intraduzíveis no diálogo corrente.

No espectro de questões possíveis de serem assinaladas no que vem sendo exposto, vou destacar três delas que, por sua vez, têm sido levadas adiante, a título de elaboração com alguns outros, na experi-

ência de Seminário que conduzo (3), onde tenho me valido da voz como ponto privilegiado para a clínica do psicanalista, a partir das psicoses.

A primeira delas se refere ao título de minha comunicação: “Quando a voz comanda a Lei”.

A voz comanda a Lei a partir do momento em que a modalidade de comparecimento do Outro para o sujeito, impede que ele possa realizar uma operação de significação simbólica do que vem do Outro. Nesse sentido, a voz comanda a Lei, segundo o impedimento, conferido ao sujeito de, ao mesmo tempo, não realizar sua entrada no discurso pelo dizer, ao lado de, por isso mesmo, experimentar uma condição de assujeitamento na qual a voz do Outro fala dele, a partir do que diz a ele. Recordemos que, para Lacan, as alucinações não recobrem a acepção canônica de “percepção sem objeto”, mas sim, de que nelas, “o sujeito fala o que o Outro diz a ele”. Por isso mesmo que na direção do tratamento não se visa interpretar as alucinações, mas sim escutá-las, ou seja, introduzi-las num Outro circuito a partir do qual o sujeito vai tentar construir um laço de maneira a ligar as vozes que o habitam, reduzindo o peso delas. Acaso não é o que recolhemos, enquanto tentativa de domar a voz do Outro, nas cenas de pacientes internados que colam o rádio ao ouvido a toda altura, com o objetivo, fracassado, de não continuar escutando o que vem de seus próprios lábios e cabeça? Em tais circunstâncias, não é incomum que uma surdez seja produzida devido ao volume do rádio, sem que a intensidade das vozes diminua.

O segundo ponto se refere à apresentação de pacientes, tal como descrita de forma sucinta anteriormente. Seja na atividade de compositor, seja na de cantor, é um fato reconhecível que, não somente o sujeito se apresenta e se identifica a partir delas. Mais além, ele supõe que diferentes

musicas que tocam no rádio são de sua autoria. Muitas vezes não consegue explicar como elas foram parar lá.

Consideremos que é a partir da música que essas duas operações que lhe conferem identidade, são possíveis de serem sustentadas. Sendo verdade que ao compor ele seleciona as palavras da língua do Outro, fazendo barreira à dominância de sua presença incondicional, isso nos aproxima da definição de Lacan no Seminário XI, ao afirmar que a voz é a experiência mais próxima do inconsciente. Entendendo que a voz, nesse caso, tem a ver com a operação de seleção dos significantes a serem utilizados na composição da letra da música. É verdade também que ao cantar há um efeito de apaziguamento que é produzido em função da introdução de um ritmo e de uma melodia, no sem sentido da voz do Outro. Tanto é verdade que ele se particulariza, ainda que de forma breve, que foi capaz de se sentir reconhecido e distinguido pela tosse que veio do público, não nos esqueçamos, público esse falante de português, e não de americano. < /span>.

O terceiro ponto tem a ver com a maneira como se entende o que seja psicose a partir da Psicanálise, assim como a voz. Não são precisos maiores desenvolvimentos para reconhecer que os significantes da Psiquiatria fazem parte de maneira dominante do vocabulário, assim como da forma de conceber os problemas clínicos, nas diferentes comunidades analíticas. Condição tão mais preocupante quando se perde de vista que tais significantes para se sustentarem, prescindem da causação sexual, tal como articulada desde a Psicanálise. Some-se a isso o fato de que o referente que sustenta tais articulações se mantém centrado no cérebro, e não numa Outra cena. Essa Outra cena se manteve para Freud, desde o texto do Projeto, de 1895, como aparelho não superponível a anatomia e fisiologia cerebral, permitindo a ele a introdução de uma outra concepção de espaço, levada adiante por Lacan como espaço topológico.

Se há necessidade de insistir nessas distinções, é mesmo porque, desde a tradição psiquiátrica, assim como na experiência corrente do cotidiano, somos concernidos a confundir voz com alucinação. O que nos conduz a identificar tal experiência como sinônima de loucura. Nesse tipo de superposição, não somente nos tornamos surdos ao que vem do louco, mais além, quando mostramos interesse tendemos a confundir escuta com tradução.

O que importa a partir da voz na Psicanálise, desde as psicoses, tem a ver com o fato de que é a partir dela que o sujeito se constitui como sujeito do significante. Sendo assim, é pelo privilégio conferido à pulsão invocante como introdutora da noção de circuito entre o sujeito e o Outro, que poderão ser discernidas as diferentes modalidades de relação com o gozo, à demanda e o desejo. Permitindo, a um só tempo, reconhecer que o circuito da pulsão invocante se encontra na base da constituição do sujeito, desde o grafo do desejo, tal como escrito por Lacan. De outro lado, permite admitir, ainda, que a condição de constituição dada à voz, por Lacan, condiciona que ela se encontre nas diferentes passagens da dialética do desejo. O que significa isso, se não ter de levar em consideração que somos íntimos da voz?!

A voz, assim como também as vozes, nos são íntimas. Isso porque, o que conta, a título da pulsão invocante, não é o som e o sentido das palavras faladas de forma sonorizada. O que conta, é o lugar conferido ao sujeito, pelo Outro, assim como, o lugar atribuído pelo sujeito, ao Outro. Por isso mesmo que vai ser nas diferentes passagens entre demanda e desejo, na sua relação com a castração e o gozo, que se poderá recolher a incidência do objeto voz, uma vez que “a fala faz cair a voz” (4). O objeto voz como efeito da queda da voz do Outro, é o que transforma a fala em dizer. E é desde a entrada do sujeito no discurso, pelo dizer, que a fala faz cair a voz do Outro.

Um quarto termo se anuncia como possível. Ele tem a ver com a condição de reconhecer que, a partir da experiência relatada da apresentação com o paciente nomeado R, a condição de compositor e de cantor permite a ele fazer barreira à invasão do Outro. Tal recurso não chega a promover o estabelecimento de uma posição que lhe permita uma estabilização mais duradoura. Que ela possa acontecer, ainda que de maneira breve, me parece manter íntima relação com a abertura que se recolhe em R, com a música. Nesse sentido, a voz de R mantém um laço com o Outro, pela composição e pelo canto, conferindo a ele uma posição, em seu caso, segundo seu próprio depoimento, sinônima de identidade. Tal construção, pela voz, autoriza afirmar que há um laço diferenciado entre o sujeito e o Outro. Trata-se de um nó, no sentido que vem dar conserto a uma falta de particularização, pela voz, através do canto das músicas compostas por ele. Nó vocal pode-se afirmar. E por que se pode afirmar isso? Se o quarto elo, como Sinthoma, cumpre uma função de ligação entre real, simbólico e imaginário, isso significa que a entrada do sujeito, pelo canto e pela composição, é a expressão dessa possibilidade. O fato de ser uma posição a partir da qual ele faz constar sua presença, não significa que se mantenha. O tempo de duração dela é conforme ao tempo de sustentação de ligação entre real, simbólico e imaginário. Pode acontecer de não se poder contar com condições que envolvam uma estabilização pelo Sinthoma, de mais longa duração. Particularmente, quando a condição subjetiva se soma com a condição de miséria econômica.

Mais além de supor que encontraríamos nisso uma solução exitosa, merece ser reconhecida a presença da impossibilidade como constitutiva do tempo provisório em que essa solução perdura. O que nos concerne a ter de nos interrogarmos sobre os destinos possíveis para um sujeito que se abrem, ou não, em função de seu comparecimento pela voz, nas psicoses.

Se não há garantia que o nó vocal se transmita como condição que sustentaria a tomada da palavra num discurso de forma autêntica, isso significa que a voz nos introduz num tipo de experiência em que, não somente a voz comanda a Lei. Mais além, se trata de depurar o sentido de uma presença, no caso, a de um psicanalista, de forma a fazer da voz um objeto que causa: pelo silêncio, e pelo lugar em que se escuta o sujeito. Desde então, o comando da Lei pela voz é abalado, pelo absoluto da diferença que estrutura a Lei presente no desejo do psicanalista.

NOTAS DO TEXTO

1- Referência a participação no III Congresso internacional do Corpo freudiano, Escola de Psicanálise, realizado na cidade de Fortaleza nos dias 11, 12 e 13 de outubro de 2012. Contou-se com a presença dos psicanalistas Alain Didier - Weill e Jean Michel Vivès, autores de textos e livros de referência sobre a voz, a música e o canto, utilizados pelo autor dessa comunicação.

2- A experiência de apresentação de pacientes a qual me refiro, existe e se mantém a partir de uma parceria de trabalho firmada entre a Direção clínica do Hospital São João de Deus, representada pelo Dr. José Waldemar, assim como pela Rede clínica de psicose do Fórum do campo laciano de São Paulo, Escola de Psicanálise, representada pela Dra Sandra Berta e Dra Glaucia Nagem. O autor desse texto representa o grupo das psicoses da Escola de Psicanálise de Campinas, na coordenação do trabalho junto aos outros citados.

3- Seminário: Fundamentos da clínica do psicanalista, pelas psicoses. Realizado em São Paulo, desde 2009.

4- Vivès, J-Michel. Pulsão invocante e destinos da voz. *Revista Textura*, n: 8. São Paulo: Reuniões psicanalíticas, 2012, p. 35-43.

REFERÊNCIAS

Dias, Mauro Mendes. (2009-2012) *Fundamentos da clínica do psicanalista, pelas psicoses*. (Seminário oral que vem sendo realizado em São Paulo, desde 2009).

Vivès, Jean-Michel. (2012) Pulsão invocante e destinos da voz. *Revista Textura*, n: 8. São Paulo. Reuniões psicanalíticas, pp. 35 - 43

¹ Membro da Escola de Psicanálise de Campinas. Autor de *Ódios. Clínica e política do psicanalista* (Illuminuras). Endereço: Rua Pe. Almeida, 515. Cambuí – Campinas/ SP. CEP: 13023-250 mauro.m.dias@uol.com.br